

ENSINAR E APRENDER SOB O OLHAR DE ALUNOS DA EJA I: MEDIações DA EDUCAÇÃO POPULAR

Keila Mourana Marques **Silva** – UNISAL

Valéria Oliveira de **Vasconcelos** – UNISAL

Resumo

O presente trabalho trata de uma pesquisa de mestrado em que foram investigadas as concepções de 76 alunos acerca do ensinar e do aprender na Educação de Jovens e Adultos (EJA I - anos iniciais) em relação ao seu papel como educandos, ao papel do professor, à educação, à escola, entre outras. A partir desses dados buscamos levantar possíveis mediações da Educação Popular (EP). Para a coleta de dados utilizamos como suporte um questionário com perguntas geradoras a partir de referencial teórico específico, que foi socializado e problematizado em rodas de conversa. Os resultados apontaram aproximações entre as concepções dos participantes e algumas premissas da Educação Popular, tais como: participação, autonomia e emancipação. A EP preconiza que, mais que levar em conta a realidade do educando, devemos partir dela, trabalhando com atividades significativas que contribuam para a construção de conhecimentos, mediatizadas pelo diálogo. A atualidade da EP se reflete nas palavras de um dos sujeitos da pesquisa, ao ser questionado sobre o que espera do processo de ensino/aprendizagem na EJA I: “ter visão das coisas, aprendo melhor assim”.

Palavras-chave: Processos Educativos. EJA I. Educação Popular.

ENSINAR E APRENDER SOB O OLHAR DE ALUNOS DE EJA: MEDIações DA EDUCAÇÃO POPULAR

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos envolve uma problemática que, historicamente, vem desafiando os profissionais da área comprometidos com uma prática educativa problematizadora. Acreditamos que, nós educadores, devemos criar condições no processo ensino/aprendizagem que tornem a busca do conhecimento uma experiência significativa e que, através dela, ensinemos e aprendamos junto com os estudantes, valorizando a experiência vivenciada de maneira contextualizada, reflexiva e autônoma.

Como afirma Paulo Freire (1996), jamais podemos perder a esperança em construir uma educação melhor, e para que isso aconteça devemos refletir sobre nossa prática, sobre as atividades desenvolvidas e como elas são utilizadas, uma vez que estas podem tanto levar à submissão, à conformação com a realidade, ou à transformação desta.

Acreditamos que as diferentes concepções sobre os processos do ensinar e do aprender podem, por vezes, gerar um distanciamento entre professores e alunos, interferindo na construção do conhecimento. É comum o aluno não participar dessa construção por crer que quem sabe é o professor, este, por sua vez, em muitas situações, confirma tal ideia.

Em função disso, surgem muitas dúvidas sobre como superar as chamadas “práticas bancárias”. Conforme Freire (1987), o caminho para um trabalho de libertação a ser realizado pela liderança revolucionária não é a “propaganda libertadora”. Não está no mero ato de “depositar” a crença da liberdade nos oprimidos, pensando assim em conquistar a sua confiança, mas no dialogar com eles. Precisamos estar cientes de que o convencimento dos oprimidos de que estes devem lutar por sua libertação não é doação que se lhes faça alguns “ilustrados”, mas resultado de sua conscientização.

Neste tipo de educação, baseada na transmissão de conhecimentos de um professor que sabe a um aluno que não sabe, é negada sua participação efetiva na construção do saber. Como antítese à educação bancária, Freire (1987) trará a concepção de educação libertadora que, mais tarde, vai se consolidar com o nome de *Educação Popular*, tendo claro que essa corrente pedagógica latino-americana emerge de muitos pilares em nosso continente (TORRES CARRILLO, 2008).

Na Educação Popular é de extrema relevância valorizar cada situação de forma particular, estabelecendo vínculos de partilha e cooperação, auxiliando e respeitando o educando, ouvindo suas expectativas com vistas à conquista de autonomia, numa contínua busca pela emancipação.

Acreditamos que a Educação Popular pode contribuir para reacender “a chama da esperança” das classes populares, pois propõe uma relação educativa que vai além do trabalho com conteúdos escolares, vai em busca da formação do homem-pessoa, ao invés de homem-coisa, do homem como um ser social comprometido com as causas de seu tempo, insatisfeito, curioso, sonhador, esperançoso e fundamentalmente transformador. (PEREIRA e PEREIRA, 2010, p.74)

Segundo tais autores, na medida em que acreditamos no potencial humano e estimulamos a participação de todos, a Educação Popular transforma-se em um *laboratório de experimentação* conjunta, em vários níveis de atuação, que vão se fazendo presentes. Com isso o educando encontra meios de experimentar sua capacidade de pensamento, argumentação e criação.

É importante ressaltar que, como afirmam as autoras (AUTORA e OUTRA, 2009, p.136), ao falarmos de Educação Popular, “não estamos nos referindo àquela das classes populares, mas à educação *com* as classes populares, *com* elas compromissadas e *com* elas realizadas, mediante o diálogo”.

Assim, reitera-se que é imprescindível o desenvolvimento de reflexões para uma prática transformadora na EJA, por meio das quais, educadoras e educadores podem e devem desenvolver, junto com os educandos, novas formas de agir e de pensar. Além disso, através de distintas possibilidades de aprendizagem, pode-se rever o papel da escola nesse processo diante das inúmeras alternativas de ensino.

A educação vista sob o prisma da Educação Popular pode apontar algumas mediações na construção de conhecimentos e reflexões no sentido de um processo educacional mais humanizado, pautado no diálogo, no respeito, na confiança e no contínuo processo com vistas à emancipação, para a consecução de transformações sociais.

METODOLOGIA

Partindo dessas premissas desenvolvemos uma pesquisa de mestrado em Educação buscando responder à seguinte questão: *Quais são as concepções de alunos de instituições de EJA I sobre os processos de ensinar e aprender?*

Para respondê-la, elencamos os seguintes objetivos: Levantar as concepções de alunos de EJA sobre os processos de ensinar e aprender; compreender aspectos dessas concepções (entendimento sobre o ser humano, a relação professor-aluno, a metodologia e a avaliação; entre outros); e analisar as possíveis mediações da Educação Popular.

Participaram da pesquisa 76 alunos (de 08 salas em 06 escolas) de uma fundação municipal da cidade de Campinas/SP (FUMEC), integrantes do programa EJA Profissões. Para a coleta de dados foi aplicado um questionário contendo oito questões e

cinco alternativas sistematizadas a partir de abordagens de teorias relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem, seguindo o referencial de Mizukami (1986).

Para Mizukami (1986) toda concepção referente ao fenômeno educacional, determinada teoria/proposta ou abordagem do processo ensino e aprendizagem, privilegia um ou outro aspecto educacional. A autora, por meio de seus estudos, aponta cinco abordagens que, segundo seu entendimento, mais parecem ter motivado os professores ao longo de suas vidas, são elas: Tradicional, Comportamentalista, Humanista, Cognitivista e Sociocultural. Segundo a pesquisadora, tais abordagens influenciam na formação do professor e em como este se posiciona frente ao fenômeno educacional. A análise de cada abordagem foi realizada, na pesquisa de que trata o presente trabalho, a partir da compreensão de ser humano, professor-aluno, metodologia e avaliação, muito embora a autora tenha se dedicado, em sua obra, a analisar um repertório mais amplo do que este.

De acordo com Mizukami (1986), em linhas gerais, no ensino tradicional, o professor é o que tudo sabe, possui informações e as transmite para seus alunos que ainda não sabem, tudo depende dele que detém conhecimento a ser transmitido. Na abordagem comportamentalista, o ser humano é considerado como produto do meio, que pode ser manipulado e controlado, enfatizando-se a questão do método, o que ensinar e em que nível se quer que o aluno aprenda, buscando estímulos para que o educando responda de acordo com os objetivos pré-fixados. Em ambas as abordagens, o professor é quem define o conteúdo a ser transmitido. Não há flexibilidade e o ensino é diretivo. Nas abordagens cognitivista, humanista e sociocultural há algumas características que as aproximam. Na abordagem cognitivista, a ênfase é a participação ativa do aluno no curso de sua aprendizagem, o desenvolvimento das operações, das relações existentes e o conhecimento envolvido durante o processo de ensino e aprendizagem. Na abordagem humanista e na sociocultural, a importância do desenvolvimento humano, tomando como base a questão social, cultural e econômica dos estudantes, no decorrer da aprendizagem, é o seu principal foco.

Temos claro que a escolha por esse recorte trouxe limites e possibilidades para a investigação, uma vez que não há uma teoria fechada, única. Por outro lado, esse procedimento permitiu estabelecer alguns parâmetros bem delimitados, que foram cotejados com a teoria na análise dos resultados.

Conforme o exposto, elaboramos um questionário com oito questões: 1) “O que você acha que tem que fazer, como aluno, para aprender melhor?”; 2) “Como você

gostaria que fosse a escola?"; 3) "Como o professor deve trabalhar em sala de aula, na sua opinião?"; 4) "De que forma você acredita que poderia melhorar tanto as maneiras de ensinar quanto de aprender na escola?"; 5) "Como você acha que deve ser a avaliação?"; 6) "Para você o conhecimento..."; 7) "Para você o que a educação deveria priorizar..."; 8) "Em relação ao ensinar e o aprender, o importante é...".

Cada uma das cinco alternativas possíveis (que não serão arroladas aqui devido à limitação de espaço) dizia respeito a uma abordagem específica, segundo o citado referencial de Mizukami, e foram organizadas de maneira aleatória, em cada uma das oito questões, para que os respondentes não identificassem um padrão recorrente de respostas, segundo essa ou aquela abordagem¹.

Uma vez elaborados os instrumentos, a aplicação dos questionários para a coleta de dados se deu em forma de rodas de conversa, o que fomentou os diálogos e discussões nos encontros. Para Silva e Bernardes (2007), a *roda de conversa* é um profícuo meio para coletar informações, caracterizando-se como uma oportunidade de aprendizagem e exploração de argumentos, sem a exigência de elaborações conclusivas, em que a conversa se desenvolve num clima de informalidade, o que cria possibilidades de diálogos.

Na visão de Figueiredo e Queiroz (2013), a *roda de conversa* é uma metodologia participativa muito interessante, pois favorece a construção de uma prática dialógica em pesquisa, o que possibilita o exercício de pensar compartilhado. De acordo com essas autoras, torna-se importante o uso de tal prática no sentido de coletar informações por meio do diálogo.

Como ressalta Freire (1987), uma investigação participativa implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Nesse sentido, ela deve ser dialógica e também conscientizadora, proporcionando, ao mesmo tempo, a compreensão dos temas geradores e a tomada de consciência.

Pensando nessas possibilidades, optamos por tal metodologia que busca, por meio do diálogo, reflexões e discussões de forma intencional, levando-se em consideração os distintos saberes - dos educandos e dos educadores - em que todos dizem a palavra, sem discriminação. Nessa proposta, todos têm a oportunidade de expressar o que pensam, o que sentem, além de manifestar suas visões de mundo.

¹ Para melhor compreensão da metodologia e do instrumento de coleta ver: autoras (2014)

Aqui, especificamente, tratamos das diferentes abordagens do processo de ensinar e aprender como um todo, sejam em relação ao papel do aluno e do professor, às expectativas frente à escola, no que ela poderia ser melhorada, a melhor forma de avaliação, de compreender o conhecimento, o que a educação deveria priorizar, bem como o que os participantes consideram mais importante no que concerne ao ensinar e aprender.

No decorrer da investigação foram realizados encontros sistemáticos em oito salas de seis escolas da FUMEC. Os depoimentos dos educandos foram registrados de acordo com os debates e discussões emergidos a partir das leituras prévias de cada questão e de suas alternativas. A organização e condução das rodas de conversa foram combinadas entre os participantes, que concordaram que, embora muitas respostas parecessem “corretas”, deveriam escolher somente uma das alternativas, ou seja, aquela que considerassem mais adequada, conforme suas visões de mundo. Essa proposta foi negociada e aceita por todos os integrantes da pesquisa.

EDUCAÇÃO POPULAR - perspectivas na EJA-I

Entendendo a educação, escolar ou não, como um processo plural, através do qual a raça humana vai construindo seu conhecimento, pode-se inferir que toda educação transforma. Não há ato educativo que não transforme, quer seja de maneira libertadora, quer seja de maneira a retroceder em uma conduta ou concepção. (AUTORA, 2002, p. 47)

Consideramos que mesmo com diversas dificuldades enfrentadas no processo de ensino e aprendizagem é possível para educandos e educadores, a partir de práticas pautadas no diálogo, a construção do conhecimento buscando novos sentidos para o mundo.

A Educação Popular requer trabalho, preparação e esforço para o educador popular, não é algo simples, ao contrário, trata-se de uma proposta educativa democrática, crítica, dialógica que exige muito conhecimento e discernimento daquilo que se pretende alcançar.

De acordo com Brandão (2006, p.43), a Educação de Jovens e Adultos representa a tentativa de superação de uma negação de direitos.

Ao lidar com um *menos social*, a educação de adultos termina por converter-se em um sinal negativo daquilo que, por oposição a ela, é a educação. Excluídos da escola e defasados do saber escolar, na

verdade que a retórica dos discursos oficiais oculta com cuidado, sujeitos das classes populares são para não serem educados regularmente.

Em uma sociedade desigual, à margem da educação seriada (formal, escolar, regular), há diferenças na formação daqueles que têm condições de estudar e dos que não tiveram a escolaridade na idade adequada, como acontece na Educação de Jovens e Adultos. Nesse sentido, torna-se fundamental uma prática educativa com qualidade crítica, problematizadora, como apontam os princípios da Educação Popular.

Depois de alguns anos de tropeços, recuos e atropelos, alguns princípios ficaram claros. A Educação Popular é a negação da negação. Não é um “método conscientizador”, mas é um trabalho sobre a cultura que faz da consciência de classe um indicador de direções. É a negação de uma educação dirigida “aos setores menos favorecidos da sociedade” ser uma forma compensatória de tornar legítima e reciclada a necessidade política de preservar pessoas, famílias, grupos, comunidades e movimentos populares fora do alcance de uma verdadeira educação. Ela procura ser, portanto, não a afirmação da possibilidade de emergência de uma nova educação “para o povo” — o que importaria a reprodução legitimada de “duas educações” paralelas, condição da desigualdade consagrada — mas a da necessidade da utopia de transformação de todo o projeto educativo a partir do ponto de vista e do trabalho de classe das classes populares. (BRANDÃO, 2006, p.50)

Educadores e educadoras populares podem e devem afirmar-se em seus desejos, suas visões de mundo, bem como partilhar a certeza de que todos têm o direito de lutar por seus ideais, sonhos, mesmo que estes sejam diferentes. Educadores e educadoras populares têm, em si, um ponto de partida e não de chegada. A prática educativa implica opções, rupturas, decisões, estar com e pôr-se a favor ou contra um sonho.

A Educação Popular jamais separa o ensino de conteúdos do desvelamento da realidade, pois é isso que estimula a organização das classes populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, na superação das injustiças sociais e respeito aos saberes dos educandos na luta por uma boa qualidade de ensino (FREIRE, 2001).

Trabalhamos, na presente investigação, sob a perspectiva freireana de, acima de tudo, sempre valorizar o ser humano como um todo. Partimos do princípio que a educação deve perseguir a formação cidadã numa perspectiva crítica, buscando uma verdadeira mudança com os educandos, homens e mulheres excluídos pela sociedade por não saberem ler e escrever e, conseqüentemente, aliados da possibilidade de *ser*

mais, de superar uma visão ingênua da realidade para um saber crítico em relação ao seu cotidiano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse tópico trazemos alguns recortes que ilustram as concepções de ensinar e aprender na EJA I, tomando os resultados da pesquisa em todas as escolas como aporte para as discussões, além de cotejá-los com algumas premissas da Educação Popular.

Os participantes da pesquisa foram jovens e adultos que, mesmo com a defasagem em relação aos seus estudos escolares, pensam em seu futuro, têm uma visão própria sobre seu processo de formação e desejam uma educação de qualidade, voltada aos seus interesses. Suas respostas, questionamentos, depoimentos e indagações refletem isso.

Os resultados nos permitem constatar que os alunos, majoritariamente, desejam uma escola em que seja possível o crescimento recíproco, o respeito pelo aluno e seus saberes. A maioria preconiza que professores e alunos devem trabalhar juntos na construção do conhecimento, aproximando-se de uma concepção sociocultural, na qual a EP se encaixaria. Quando foi realizada a leitura da primeira questão: “O que você acha que tem que fazer, como aluno, para aprender melhor?”, uma das respostas foi:

Um lugar onde haja respeito por nós, é o que queremos.

Por meio dos diálogos com estudantes de EJA, percebemos nitidamente a importância dada ao respeito, ao diálogo, à troca de saberes, o que Paulo Freire (1996, p.12) sempre enfatizou: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém”.

Outra demanda levantada entre os participantes foi a de que:

A professora tem que ser alegre para que o aluno se sinta bem, jamais chegar numa sala de aula triste, com raiva, brava assim deixa o aluno nervoso, com medo, mas se a professora for alegre, o aluno aprende muito mais.

Como acrescenta Paulo Freire (1996, p. 53): “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não

podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. Essas concepções estão nas falas dos nossos alunos de EJA como também nos ideais da EP. Por que não buscarmos a construção do conhecimento com alegria, esperança no futuro melhor, em que todos tenham direito a um aprendizado de qualidade?

Com relação à segunda questão (“Como você gostaria que fosse a escola?”), ao debatermos sobre uma das alternativas – “Um lugar que controle todos os alunos, ensinando o jeito certo, premiando quem se comporta melhor”, uma das participantes argumentou:

Nossa premiar quem se comporta melhor? Que horrível! Isso é humilhar os outros.

Pela fala da aluna, premiar “os que são melhores” é uma forma de discriminar os outros, de impor saberes. Onde fica o papel da Educação se o educador ao invés de promover a solidariedade incentiva a competição? Nós, educadores, podemos e devemos desenvolver, junto ao educando, outras formas de agir e pensar por meio de novas possibilidades de aprendizagem, rever o papel da escola, nesse processo, diante de inúmeras alternativas que têm como princípio básico o diálogo associado às reflexões sobre a realidade.

Para a maioria dos participantes dessa pesquisa, a aprendizagem significativa é o que os motiva na construção do conhecimento. Isto foi constatado quando foi lida a questão: “Como você acha que deve ser a avaliação?”.

Primeiro o aprendizado, depois a prova de acordo com o que cada um sabe.

Cada um sabe o que aprendeu...

Dentro das possibilidades de escolhas nas alternativas oferecidas, os alunos optaram pela avaliação conjunta professor/aluno, e isso mostra que a maioria dos educandos busca a tomada de consciência, criando assim, condições para que se desenvolvam reflexões de forma crítica, comprometida com a ação, características gerais da abordagem sociocultural, diferentemente do professor considerado detentor do conhecimento a quem caberia, unicamente, o poder de avaliar seus alunos.

Por outro lado, muitos indicaram escolhas que se aproximam das concepções comportamentalistas e tradicionais, como a necessidade de reforço, por exemplo, em aulas planejadas. Um exemplo disso ocorreu nos momentos em que se debateu a

questão (“Como o professor deve trabalhar em sala de aula”), tendo como uma das alternativas: “Com muitas atividades planejadas e reforço para verificar se o aluno realmente aprendeu”. Várias respostas se aproximaram do que ilustra a fala a seguir:

Reforço sempre é bom, não somos iguais, uns aprendem muito mais fácil do que outros.

Em nossa compreensão, isso demonstra que os alunos atribuem grande importância ao papel do professor, de quem seria a responsabilidade na transmissão de conteúdos e aprendizagem. O mais interessante, quando ouvimos as vozes dos alunos, é que eles não desejam para o processo de ensino e aprendizagem algo inacessível ou que seja difícil de realizar. Ao contrário, querem pequenas atitudes dos professores e deles próprios que possam mudar, para melhor, o processo educativo.

Outra pergunta do questionário foi: “De que forma você acredita que poderia melhorar tanto as maneiras de ensinar quanto de aprender na escola”. Quando foi lida a alternativa: “Os alunos devem aceitar a verdade: fazer o que o professor manda, afinal é ele quem sabe o que é melhor para seus alunos, ele estudou para isso”, algumas das respostas mostraram a indignação dos participantes:

Que desaforo professora! Só o professor é o que sabe tudo? E nós onde ficamos?

Tem que respeitar o saber, o saber do aluno.

Nessas falas ficou evidente a crítica à figura do professor visto como aquele que “sabe tudo”, e a reivindicação de se valorizar as pessoas como aprendizes que são. Partiram do princípio de que todos, independente de classe social, escolaridade ou gênero, possuem saberes e esses saberes devem ser respeitados. Como podemos, nós educadores, dizer que somos progressistas se menosprezamos o saber popular?

Ao ser lida a questão: “Para você o conhecimento é...” alguns alunos demonstraram bastante consciência de seu conhecimento, de sua aprendizagem, o que reforça a necessidade de os educadores, ao pensarem em uma educação transformadora, considerarem e valorizarem profundamente os saberes do grupo. Se estes simplesmente impuserem uma educação que para eles é a “correta”, a “ideal”, não haverá aprendizado significativo, é preciso haver diálogo, reflexão na busca do conhecimento. A maioria das respostas dos alunos apontou para a cognitivista, que *ênfatiza o conhecimento como*

uma construção contínua em que o ser humano é considerado um sistema aberto, em etapas de formação em busca de um estágio final nunca alcançado por completo.

A gente nasce aprendendo, morre de velho e nunca acaba de aprender.

Se a gente quiser, a gente muda de vida.

Antes eu não ia à escola e eu não sabia nada, tinha até medo de ir ao supermercado, de comprar as coisas, de andar de ônibus, depois que eu fui à escola, ganhei autonomia, muitas coisas que eu não sabia, agora eu sei.

As respostas dos educandos de EJA I mostraram haver um consenso acerca da importância de o professor em desempenhar sua tarefa de preparar boas aulas e de seu papel como alunos para que, juntos, possam refletir no intuito de alcançar uma educação libertadora, por meio do diálogo.

Há muito conhecimento por parte dos alunos que, mesmo com pouca afinidade com o conhecimento produzido teoricamente, demonstraram discernimento e sensatez em suas respostas na busca do conhecimento, como demonstra ao questionamento de um aluno quando foi lida a questão: “Para você o que a educação deveria priorizar”:

A educação seria toda a formação de uma pessoa? Mas de acordo com a escola, ou na vida em geral?

O sujeito respondeu à pergunta com uma indagação, problematizando o tema, buscando o confrontar de saberes e construir conhecimentos. Para a relação ensino e aprendizagem isso é fundamental, tanto para os que aprendem, quanto para os que ensinam, como diz Barbosa (2009, p.19): “A concepção que fazemos do ensinar e do aprender não pode ser dissociada da concepção do conhecimento e da realidade”.

Quando arguidos sobre o que era importante em relação ao ensinar e o aprender, algumas respostas foram bastante contundentes:

Não quero passar de ano, sem saber, na minha idade o que isso adianta? Quero sim, aprender a falar melhor, a aprender coisas que me dê mais segurança de fazer coisas sem depender de ninguém, isso sim modifica nossa realidade.

Nessa concepção humanista de educação, o professor não ensina, mas cria condições para que os alunos aprendam, contribuindo para sua iniciativa,

responsabilidade, autodeterminação, discernimento, e com isso construa sua autonomia. A pesquisa dos conteúdos será feita pelos alunos que deverão ser capazes de criticá-los, até mesmo modificá-los se assim acharem necessários. Além disso, buscam uma aprendizagem significativa capaz de trazer mudanças em sua realidade, respeitando as suas experiências como ponto de partida para o próprio crescimento, independente de diplomas.

A gente aprende pensando no que a gente faz todos os dias, a vida é uma escola, não precisa de diploma.

As rodas de conversa permitiram profícuas reflexões conjuntas, proporcionando uma visão bastante ampla sobre as concepções dos alunos em relação aos processos de ensinar e aprender.

Consideramos que a Educação Popular abre novas possibilidades de transformar nossas vidas, por meio de uma relação dialógica em que o diálogo supõe troca, não imposição, assim, “o educador já não é o que apenas educa, mas enquanto educa é educado, em diálogo com o educando, que, ao ser educado, também educa”. (FREIRE, 1987, p.39)

De acordo com Marco Raúl Mejía (2005, p.25):

A primeira reformulação da Educação Popular atual fixa-se na fidelidade a seus princípios, o primeiro deles é partir da realidade concreta: o capitalismo globalizado e neoliberal não apenas aprofunda as leis básicas do capital (taxa de lucro, acumulação, monopolização e exploração), como também modifica muitas das formas de controle e realização do lucro, significando uma mudança nas regras do jogo. Por essa razão, é necessária uma mudança nas práticas e estratégias dos grupos e atores que sofrem a dominação capitalista da atualidade.

Nessa concepção, diante do capitalismo exacerbado que estamos vivendo, em que se valoriza a produtividade na educação, o consumo, a satisfação de desejos, e principalmente, o acúmulo de capital, tudo isso com a ideologia de que o indivíduo pode tudo e que tudo depende de seu esforço, fica evidente a necessária tomada de consciência para mudar o que está posto, mesmo que isso seja considerado utopia, pois se há algo em que a Educação Popular deve se orgulhar é do seu caráter rebelde e transformador em denunciar aquilo que é desumano, autoritário, e que desestruture certas “verdades” sobre as quais se alicerçam as formas de poder existentes ao nosso redor, em nosso mundo.

Em relação a isso, Freire (2001) deixa claro que a utopia está vinculada à conscientização diante da realidade em que vivemos, que não pode haver uma prática educativa sem um sonho, uma intencionalidade. Para ele, no mundo atual, as utopias são essenciais, pois, é por meio delas que buscamos ações para possíveis mudanças, de forma positiva, dinâmica, que não aceita o conformismo e o fatalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante que seja consagrada a ideia de que não apenas todas as crianças e adolescentes devem ser educados qualitativamente da mesma maneira, como também, através da educação, os “menos favorecidos” devem conquistar condições de acesso ao trabalho e à vida social que, fora da escola, a sociedade oferece com sobras a uns e, com extrema avareza, a outros. (BRANDÃO, 2006, p.22)

Por meio da pesquisa realizada, fazendo uma análise sobre o trabalho desenvolvido, ficou marcada a importância temática em questão para refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos, em indagações como: como esses alunos pensam, quais as suas concepções de ensino e aprendizagem em relação ao seu papel como educandos, o papel do professor, de que maneira é vista a educação, a escola, entre outras.

Em razão disso, o que se realizou no caminho da pesquisa da qual emergiu esse artigo, por meio do levantamento bibliográfico e, principalmente, das dinâmicas de roda de conversa, foi aprender que não podemos mais deixar de ouvir nossos alunos, de saber quais são seus desejos, seus anseios, visões de mundo e buscas por um ensino libertador, todos nós temos esse direito.

Apoiados na Educação Popular, educando e educador passam a refletir juntos sobre a aprendizagem, dialogando, aprendendo coisas que servirão para solucionar os problemas existentes no grupo, e a agir com consciência, pensando sobre suas atitudes e planejando novas ações.

A questão das diferentes concepções de ensino-aprendizagem abordado no trabalho, apoiado no referencial de MIZUKAMI (1986) permitiu um direcionamento à pesquisa, pois a autora busca por meio de várias propostas articuladas explicação e compreensão do fenômeno educacional, buscando uma sistematização de conceitos,

deixando claro que não há uma teoria fechada, as teorias são incompletas no sentido de estarem em elaboração, podendo ou não serem aceitas.

Consideramos de fundamental importância aprender, analisar e discutir opções teóricas existentes em situações de aprendizagem, como foi feito em diálogo com os alunos de EJA. Por meio das rodas de conversa, na simplicidade das palavras, aprendemos uma lição de vida: que mesmo sem conhecimento teórico, sem grandes leituras, todos somos capazes de apresentar argumentos que mostram nossas vivências, experiências, estas que muitas vezes não são levadas em conta no âmbito escolar.

Segundo Rosa Maria Torres (1988), em termos gerais, a Educação Popular traz contribuições significativas ao processo pela busca de conhecimento como um espaço e uma ferramenta educativa, a fim de desenvolver a capacidade dos grupos populares para que estes se tornem sujeitos de seu próprio processo educativo e de seu próprio destino, o que faz dela um meio privilegiado para sua libertação cultural, política e social.

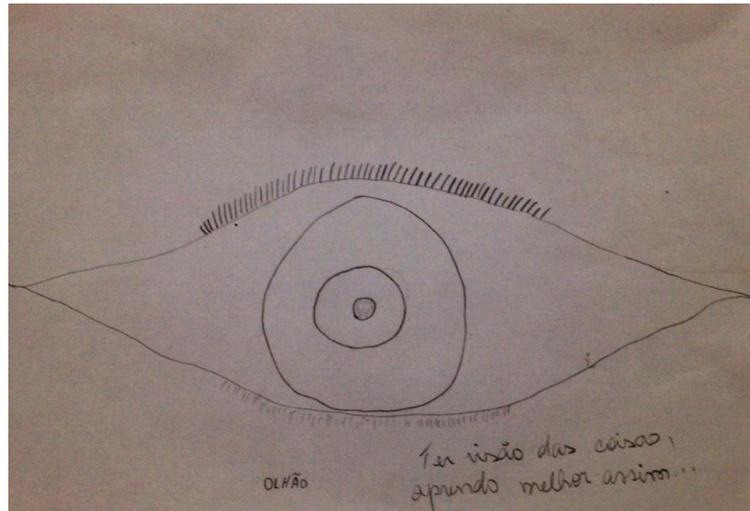
A Educação Popular, quando dirigida aos adultos dos setores populares, contribui para a transformação das mentalidades, consciências e atitudes, buscando construir uma nova sociedade, partindo da realidade e refletindo sobre ela no intuito de transformá-la.

Para isso é necessário que haja qualidade no ensino, o que é conseguido através de pesquisas e práticas pedagógicas que proporcionem reflexões, conhecimentos e atitudes. A Educação Popular deve ser participativa, crítica e dialógica e não contar somente com o “professor que ensina”, mas com a experiência do educando, alimentando, dessa forma, uma construção conjunta de conhecimentos na busca pela mudança social.

Reforçamos, com esse trabalho, nossa crença de que por meio da Educação Popular é possível construir uma educação mais justa, de modo a contribuir para uma aprendizagem significativa com Jovens e Adultos. Reafirmamos nossas convicções de que uma prática educativa libertadora pode e deve afinar os sonhos de educandos e educadores, mesmo quando estes sejam diferentes.

Acreditamos, como Freire, que nós educadores, não devemos dizer a palavra, mas sim contribuir para que todos ampliemos nossos horizontes no sentido de uma educação mais justa, igualitária e humana. Como afirmou um dos sujeitos da pesquisa, ao ser questionado sobre o que ele esperava dos processos de ensino e aprendizagem:

“Ter visão das coisas. Aprendo melhor assim”.



Fonte: arquivo pessoal

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTORA, 2002.

AUTORA e OUTRA, 2009.

BARBOSA, Severino Antonio. **Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento**: diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes. São Paulo: Paulus, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular?** 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FIGUEIRÊDO, Alessandra Aniceto Ferreira de; QUEIROZ, Tacinara Nogueira de. A Utilização de rodas da conversa como metodologia que possibilita o diálogo. **Fazendo gênero** 10 - Desafios atuais do Feminismo. Disponível em: www.fazendogenero.ufscar.br

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª. ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MEJÍA, Marco Raúl. Aprofundar na educação popular para construir uma globalização desde o sul. Em: PONTUAL, Pedro; IRELAND, Thimoty (orgs). **Educação Popular na América Latina**: Diálogos e Perspectivas. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005, p. 213-224.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

PEREIRA, Dulcinéia de Fátima Ferreira, PEREIRA, Eduardo Tadeu. Revisitando a História da Educação Popular no Brasil. Em busca de outro mundo possível. **Revista Histed Br**. Campinas, 2010. Disponível em http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/40/art05_40.pdf Acesso em: 29/06/14.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e BERNARDES, Nara Maria Guazelli. Roda de Conversas- Excelência acadêmica é a diversidade. **Revista: Educação** 2007 XXX(61). Disponível em: www.redalyc.org/articulo.oa?id=84806104. Acesso em: 29/06/14.

TORRES CARRILLO, A. **La Educación Popular**. Trayectoria y actualidad. Bogotá: El Buho Editorial, 2008.

TORRES, Rosa Maria. **Discurso e prática em educação popular**. Educación Popular: un encuentro con Paulo Freire. CECCA-CEDECO, Quito, 1986.